

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Departamento de História

FILIFE VEZIANE LEMBI DE CARVALHO

**CULTURAS POLÍTICAS: O MOVIMENTO INTEGRALISTA DE PLÍNIO
SALGADO**

BELO HORIZONTE- MG

2008

FILIPPE VEZIANE LEMBI DE CARVALHO

CULTURAS POLÍTICAS: O MOVIMENTO INTEGRALISTA DE PLÍNIO SALGADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção do título de Especialista em História e Culturas Políticas.

BELO HORIZONTE- MG

2008

**“ No dia em que as doutrinas fascistas
tiverem o mundo inteiro nas mãos,
numa aliança universal.... , um equilíbrio
social melhor permitirá aos povos
a tranquilidade necessária para organizarem
a paz social”**

Gustavo Barroso

**“A única liberdade a que me refiro, é uma liberdade
ligada à ordem; que não só coexiste com a ordem e a
virtude, mas também não pode existir sem elas”**

Edmund Burke

SUMÁRIO

01	INTRODUÇÃO	04
02	DESENVOLVIMENTO	05
03	CONCLUSÃO	19
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar o movimento ocorrido no Brasil liderado por Plínio Salgado e conhecido como Integralismo, e relacioná-lo com o conceito de culturas políticas. Para atingir este objetivo é necessário expor o contexto histórico da época do surgimento do Integralismo, para que possamos compreender as referências teóricas que o influenciaram, bem como entrar no assunto que sempre acompanha os “camisas verdes”, que é o paralelo com o fascismo de Mussolini.

Este estudo parte da análise da bibliografia existente sobre a participação no cenário político nacional dos integralistas, suas formas de representação e suas doutrinas, bem como a auto-identificação dos seus membros com os movimentos políticos paralelos em sua época.

O contexto das primeiras décadas do século XX abrangia múltiplos desafios e incertezas, tanto no campo internacional quanto no nacional. No campo internacional, podemos destacar a Revolução Soviética na Rússia, a Primeira Guerra Mundial e o período entre guerras onde novas correntes de pensamento político se formaram como o fascismo e nazismo. No campo nacional, os principais pontos a serem mencionados: fundação do PCB em 1922, a questão modernista tendo como momento chave a Semana de Arte Moderna, a crise política da República Velha e o novo governo de Vargas, e a renovação católica. A importância destes pontos chave é que serviram de inspiração e darão rumo às mudanças ideológicas de Salgado. Os eventos externos vão ampliar as disputas entre comunismo e capitalismo, e vão criar também uma nova perspectiva política, que não se alinha nem com a esquerda socialista, e nem com a direita liberal e democrata.

Uma solução capitalista com base no sentimento e políticas nacionalistas surge nas discussões sobre os rumos políticos que o Brasil deve tomar para alcançar sua plena independência e desenvolvimento. É tendo em vista este

contexto, e sua influência no debate político brasileiro, que deve-se iniciar a análise do objeto deste trabalho.

2 DESENVOLVIMENTO

O primeiro núcleo de idéias de Plínio Salgado e de outros teóricos do Integralismo parte dos três pilares: nacionalismo, modernismo e espiritualismo¹. Vou relacionar de forma simplificada como estes três pontos estavam ligados ao contexto nacional da época. O nacionalismo ganha força nos debates intelectualizados do começo do século depois da publicação de Os sertões de Euclides da Cunha, obra esta que causa impacto e faz com que os grupos mais letrados comecem a questionar a influência ideológica européia. Segue-se a este impacto inicial a criação de vários periódicos nacionalistas que atingiram boa circulação e que intensificaram ainda mais a difusão das idéias nacionalistas, como a Revista Brasil de 1916; Brasília 1917 entre outras².

O segundo pilar, o modernismo, que muito influenciou as idéias dos líderes integralistas, já havia criado um espaço no campo literário, mas obviamente foi a partir da Semana de Arte Moderna que este movimento ganhou força. Segundo Alzira de Abreu: “ Mais do que uma simples escola literária, o modernismo foi toda uma época da vida brasileira...que ultrapassou amplamente seus limites estéticos....O modernismo optou pelo nacionalismo, o primitivo e o sociológico contra o cosmopolitismo.”³ Essa ênfase no político que foi se incorporando no modernismo, com características de valorização do nacional, de combate aos estrangeirismos, a preocupação de se criar algo novo, original e próprio de nossa cultura foi uma tônica sempre levantada nos discursos mais exaltados dos integralistas. Porém, sobre esta questão da originalidade voltarei a falar mais adiante.

¹ ABREU, Alzira Alves, p.2807.

² ABREU, Alzira Alves, p.2808.

³ ABREU, Alzira Alves, p.2808.

Por último, o espiritualismo na obra integralista, está associado ao contexto de renovação católica ocorrido na época. Pós primeira Guerra, o apelo aos valores católicos surtiu efeito em uma ala da intelectualidade nacional, que passou a ingressar em movimentos cujo teor fosse resgatar os princípios e valores cristãos e proporcionar uma maior presença política dos elementos católicos da sociedade. O Centro Dom Vital, a revista *A Ordem* e a Liga Eleitoral Católica são exemplos da manifestação desta corrente, que se engajava politicamente influenciada também pela renovação católica ocorrida na França⁴.

Obviamente, quando tratei dos três pontos, nacionalismo, modernismo e espiritualismo, não quis resumir toda a concepção integralista de sociedade em apenas estes pontos, mas busquei enfatizar a raiz do pensamento integral de Plínio Salgado. Outros elementos se somam a estes como o antiliberalismo, anticomunismo, autoritarismo entre outros. Estes outros pontos estão relacionadas em grande medida à experiência e o contato com os ideais do fascismo. E é exatamente neste ponto, a relação entre integralismo e fascismo, que ocorreu os maiores debates sobre a originalidade do Integralismo. Seria o Integralismo uma corrente original, diferente de qualquer outra criada pelos europeus como tanto insistiu Plínio Salgado, ou seria uma cópia do fascismo com pequenas adaptações ao contexto brasileiro? Aprofundando a questão e relacionando-a com o tema, seria o integralismo uma cultura política própria, uma ramificação da cultura política fascista de extrema direita, ou faria parte de uma outra corrente ideológica de direita? Esta discussão foi tratada com objetividade no texto “O Brasil Republicano” de Ângela Maria de Castro Gomes, onde a autora analisa uma tese de doutorado que afirma ser o Integralismo uma teoria original. A autora contrapõe a tese defendida por Chasin Vasconcellos de que o Integralismo não seria propriamente uma versão do fascismo italiano, utilizando para isso trechos de documentos escritos por teóricos do integralismo como Miguel Reale, Secretário Nacional de Doutrina integralista, e Gustavo Barros, Chefe Nacional da Milícia. Segundo a autora “O Integralismo, mais do que uma ideologia, foi um movimento político e que seu caráter fascista provinha não apenas de semelhanças entre sua temática e a dos fascismos europeus, mas sobretudo de sua organização, base social de

⁴ ABREU, Alzira Alves, p.2808.

recrutamento, motivações e adesões de seus militantes, e sentimentos de solidariedade com o fascismo internacional.”⁵

Convencido de que o Integralismo tem uma forte ligação com o fascismo europeu, apenas quero enfatizar um caráter misto de suas influências. Se por um lado não se pode considerar o movimento integralista como algo original devido a sua ligação com o fascismo, não podemos alienar as questões nacionais que permitiram sua inferência no cenário brasileiro. Como demonstrei no começo da presente análise, havia um contexto de mudanças nacionais, ligadas aos acontecimentos internacionais e internos, que motivaram, inspiraram e serviram de base para o surgimento da ação integralista. Se não houvesse a crise da política na república velha, o crescimento das idéias nacionais que surgiram antes dos movimentos fascistas, a renovação católica e a temática do modernismo, aí sim a tese de que o integralismo estaria deslocado das questões nacionais e ligado exclusivamente a influencia européia seria totalmente verdadeira. Porém, não foi este o caso, o que nos leva a considerar o integralismo como um corpo ideológico e de ação política influenciado fortemente por “estrangeirismos”, e por isso não trata-se de algo novo e original, mas por outro lado fruto de uma demanda temática presente no Brasil do começo do século XX.

Cabe agora partir para a seguinte etapa: o integralismo contém os requisitos pertencentes ao conceito de culturas políticas? Este conceito está inserido no contexto de renovação da abordagem política na historiografia. Como definiu Rodrigo Patto em seu texto “ A história política e o conceito de cultura política” o objetivo da análise atualmente é observar os aspectos simbólicos, representativos e os elementos que compõe o imaginário⁶. Portanto os tradicionais temas factuais fundados na biografia dos grandes líderes, os momentos considerados mais importantes, e a mera observação da luta de classes, não compõe o foco do conceito de culturas políticas, que está muito mais voltado a todos aqueles elementos que compõe o termo cultura. Para delimitar quais seriam estes elementos, Patto também define em seu texto o que podemos chamar de cultura: “ Cultura, então, seria o conjunto complexo constituído pela linguagem,

⁵ GOMES, Ângela Maria de Castro. P. 316

⁶ PATTO, Rodrigo, p.84.

comportamento, valores, crenças, representações, e tradições partilhados por determinado grupo humano e que lhe conferem uma identidade.”⁷ Mas definir o que é cultura e o que é política separadamente, não exprime verdadeiramente o que o conceito quer nos trazer. Utilizando o texto de Serge Berstein “ A cultura política” , e o texto já mencionado de Rodrigo Patto, conseguimos o entrelaçamento conceitual necessário para definir de forma objetiva do que se trata o conceito. Para Berstein, toda cultura política precisa se constituir de uma doutrina, uma leitura comum sobre o passado, uma visão institucional ou organizacional, uma concepção de sociedade ideal ainda por vir, e um conjunto de símbolos, rituais, imaginário comum e linguagem que expressão e reproduzem as concepções do grupo⁸. Compondo a conceituação de Berstein com a de Patto, chegamos ao ponto ideal, pois Rodrigo Patto acrescenta a idéia da longa duração ao afirmar ser inerente ao conceito de cultura uma tradição, ou seja, uma presença temporal que ultrapasse a dimensão momentânea e que abrange um período de ao menos algumas gerações para consolidar-se como cultura política⁹. Tendo em vista esta conjuntura, aplicarei o conceito ao caso integralista, buscando enfatizar passo a passo cada um dos elementos.

Doutrina: a filosofia integralista pode ser definida como antiliberal, anticomunista, defendendo uma postura nacionalista e centralizadora do poder para atingir o fim ideológico que é transformar um país de capitalismo periférico como o Brasil em uma potência econômica, política e militar independente perante as demais potências¹⁰.

Leitura sobre o passado: o passado recente é visto de forma pessimista, uma vez que é identificado como submisso aos interesses externos, e estaria desviando o país do seu fim histórico. Outra questão levantada pelos teóricos “camisas verdes” é a ameaça da fragmentação política e territorial que a estadualização do poder político promovida pela república estaria levando o país.

⁷ PATTO, Rodrigo, p.84.

⁸ BERSTEIN, Serge, p.351.

⁹ PATTO, Rodrigo, p.86.

¹⁰ ABREU, Alzira Alves, p.2811-12.

Neste contexto Plínio Salgado exalta uma suposta homogeneidade herdada do Império, e ridiculariza a república taxando-a de “ comédia democrática”¹¹.

Visão institucional e organizacional: Como bem definiu Alzira de Abreu, a A.I.B. que é a expressão máxima da forma como os integralistas enxergavam os aspectos organizacionais, possuía uma estrutura muito próxima aos tipos de estruturas e organizações fascistas, bastante burocratizada e totalitária¹².

Sociedade ideal: tratando-se da concepção acerca do que seria o Brasil triunfante para Plínio e para os demais teóricos integralistas, este deveria compor com os três pilares básicos já mencionados; nacionalismo, capaz de homogeneizar a população e de levar ao seu crescimento; modernismo; que passa pela construção do original, contra o cosmopolitismo e de forte engajamento político; e o aspecto espiritual, que contempla a recuperação do catolicismo e seus valores, sendo estes novamente presente na sociedade como um todo.

Rituais, linguagem e simbologia: estes são mais fáceis de perceber, pois estão presentes em qualquer livro didático do ensino médio, contempla primeiramente o Sigma “ Σ ” que traduz a idéia de somatório e homogeneidade ideológica, seguido de um grande aparato gestual, comportamental e até mesmo de vestuário, lembrando a simbologia contida nas “camisas verdes”, que viraram um dos símbolos integralistas. Os rituais, vocabulários e símbolos seriam extensos demais para serem todos mencionados e devidamente contextualizados, por isso não vou me delongar neste tópico.

Por ultimo deixei o elemento adicionado por Rodrigo Patto, por se tratar justamente do possível furo conceitual sobre o integralismo, a questão da *longa duração*. Se para tal deve contemplar algumas gerações, então o Integralismo poderia ficar de fora se considerássemos apenas o período de vigência da A.I.B.. Porém, a duração do conjunto ideológico integral abrange mais do que isso. Inicia-se por volta dos anos 20 e chega até os dias atuais. Obviamente, que a extensão maior das idéias ocorreu nos anos 30, ao ponto de ser considerado por Alzira de Abreu

¹¹ SALGADO, Plínio, p.52.

¹² ABREU, Alzira Alves, p.2812

como “o primeiro partido nacional com uma organização de massa implantado em todo o país, cuja força política foi estimada, em 1936, entre 600 mil e 1 milhão de adeptos.”¹³ Contudo, mesmo sendo hoje uma mera sombra do que foi, ainda existem núcleos integralistas organizados pelo país, tal como o núcleo integralista de Belo Horizonte e o de Porto Alegre. Para a comprovação de suas existências basta acessar o site www.integralismo.org.br , ou ler o seu informativo mensal intitulado “Anauê BH” , também disponível para consulta no site do grupo.

Tendo verificado que o Integralismo contempla cada elemento do conceito de culturas políticas, basta definir em qual cultura política se encaixa, porém um problema comum à este tipo de análise, é lidar com o conjunto de idéias de um grupo como se fosse homogêneo. O Integralismo, como bem destacou Francisco Martins de Souza, não se trata de um movimento com uma única doutrina. Existem várias correntes que compõe o bloco de idéias deste grupo de pensadores¹⁴. Desta pluralidade, podemos observar que não apenas o fascismo, ou uma demanda nacional por soluções inovadoras moldaram o movimento. Martins identificou em sua obra ao menos três diferentes correntes ideológicas no integralismo, cada qual, ligada a um intelectual de peso dentro do grupo.

A primeira corrente ideológica tem sua origem, segundo Martins, na figura do fundador do movimento, Plínio Salgado. Com o objetivo que criar um conjunto de idéias originais voltadas para resolução dos problemas nacionais nos campos sociais, econômicos, políticos e sociais, Salgado buscou sistematizar uma doutrina que integrasse todos os elementos da sociedade, criando assim uma resposta unificadora e total. Plínio busca na doutrina social da Igreja conceitos que poderiam atender as suas expectativas. Priorizando o lado espiritual, moral, familiar e nacional, Plínio Salgado quis ser, nas palavras de Francisco Martins “ o herdeiro do conservadorismo católico..... o que caracterizaria uma corrente dentro do integralismo, talvez preponderante mas de todos os modos uma entre outras.”¹⁵

¹³ ABREU, Alzira Alves, p.2807.

¹⁴ MARTINS, Francisco de Souza, p.65.

¹⁵ MARTINS, Francisco de Souza, p.64.

A segunda corrente exposta pelo autor foi a de Miguel Reale, cujo o enfoque principal seria a relação da liberdade dentro do processo político que envolvia o Estado varguista, o constitucionalismo paulista de 1932 e o projeto político do Integralismo. Reale não foge também ao cenário internacional. Em suas reflexões a cerca do embate comunismo contra fascismo, Miguel Reale teoriza a respeito dos sindicatos, corporações e suas funções sociais. Para ele, estes tipos de instituições intermediárias seriam capazes de aglutinar toda a sociedade por setores sendo assim capaz de se auto-representar no cenário político nacional. Neste aspecto Reale se aproxima também do conservadorismo tradicional, que vê em um passado feudal a resposta corporativa para os dilemas de participação popular na política. Tocqueville abordou esta questão enfatizando como o pensamento conservador abraça as instituições intermediárias entre o Estado e a sociedade como forma de representação política, e freio para limitar a ação do Estado. A sociedade feudal serviu de inspiração e modelo para muitos conservadores como Burke¹⁶. Portanto, se por um lado Salgado bebe na fonte conservadora cristã, ao defender o tripé social de Deus pátria e família, Reale também bebe nesta fonte ao defender as associações e sindicatos como forma de representação social, preservando assim outro principio conservador que é as diferenças sociais como algo intrínseco à natureza humana. Pensamento este que claramente se opõe ao ideário igualitário defendido pelos socialistas e comunistas. Mas sobre esta relação de Reale com a doutrina cristã, ele mesmo destaca: “ a estrutura do meu pensamento é mais social, política e econômica do que a de Salgado, que estava mais próxima de um cristianismo social.”¹⁷.

A terceira corrente apontada por Martins é a idealizada por Gustavo Barroso, historiador e integralista, que busca pensar e repensar a doutrina integral com base em uma análise da tradição política e economia brasileira. Este seria o ponto mais voltado ao conservadorismo de Barroso, o apelo à tradição. A tradição é vista pelos conservadores como a única referencia válida para analisar uma sociedade e projeta-la em um contexto global. Porém, as conclusões de Barroso fogem à temática conservadora e se aproxima da doutrina fascista ao assumir uma postura de anti-semitismo. Gustavo Barroso, diferentemente de seus precursores Reale e

¹⁶ NISBET, Robert, p.87.

¹⁷ TRINDADE, Hélgio, p. 261.

Plínio, não busca uma via de soluções para os problemas nacionais. Ele busca em suas análises a explicação para o subdesenvolvimento brasileiro, as causas de nossas mazelas, e quais as forças que trabalham para a submissão nacional perante as forças estrangeiras. Seguindo este ponto de vista, Barroso relaciona os empréstimos feitos logo após a independência com o processo de submissão político-econômica do Brasil. Estes empréstimos foram tomados a banqueiros judeus, e por isso mesmo, Gustavo Barroso coloca no mesmo plano político o capitalismo internacional, o sionismo e o comunismo como sendo estes os verdadeiros inimigos históricos da nação. E para combatê-los um outro tripé seria necessário: o capitalismo nacional, o cristianismo e a base moral da cultura¹⁸.

Nota-se, portanto que o integralismo possui vertentes que se aproximam e que se distanciam. Muitos interesses distintos encontram uma base comum neste movimento, e se juntam a ele por perceberem o potencial de ascensão política do integralismo, principalmente na década de 30. Defensores da antiga união entre Igreja e Estado, anti-liberais, anti-comunistas, pensadores de inspiração fascista, políticos de visão autoritária, e tantos outros seguimentos se aproximam do integralismo e formam sua ideologia em uma concepção mais abrangente. Porém, como o foco deste trabalho é relacionar o movimento de Plínio Salgado ao conceito de culturas políticas, buscando identificá-lo com uma corrente não só de direita, mas de forma mais profunda, uma corrente dentro das várias posições diferentes no âmago do pensamento político de direita, é necessário delimitar o campo de possibilidades de alinhamento ideológico do integralismo. Seguindo as teses expostas pelos autores trabalhados, pode-se reduzir para duas as possíveis vertentes políticas do movimento integral brasileiro: o fascismo e o conservadorismo católico. O conservadorismo está presente, como já foi dito, no conjunto conceitual dos pensadores do integralismo, mas até que ponto? Em que medida as influências destacadas no pensamento de Plínio Salgado e Reale entrosam com o a temática conservadora? A aproximação com o conservadorismo não mereceria destaque algum se tratasse apenas de mais uma das várias vertentes que se juntaram ao integralismo como já foi dito. Contudo não parece ser o caso. Os conceitos e teorias conservadoras possuem um caráter universal no movimento integral. Ao destacar as

¹⁸ MARTINS, Francisco de Souza, p.64.

três correntes integralistas podemos notar que todas, em algum ponto, são influenciadas pelo conservadorismo cristão. Para atingir uma posição conclusiva à respeito enumerarei os principais elementos conservadores e fascistas.

O próprio termo conservadorismo já delimita uma ênfase deste conceito: o combate ao espírito de mudança e inovação. Mas não são todas as mudanças que são indesejáveis. Nas palavras de um dos maiores conservadores do final do XVIII e início do XIX :” Um Estado sem possibilidades de alguma mudança não tem possibilidades de conservação.”¹⁹ Nesta perspectiva os teóricos integralistas buscam sim uma mudança, contudo que esteja relacionada a retomada de valores que em suas óticas resgatem elementos fundamentais para a reformulação da sociedade em busca do que consideram o bem comum para o maior numero de pessoas. Ao falar em retomada, refiro-me então a algo que já esteve presente na sociedade e foi abandonado. Um resgate histórico então se faz necessário. A visão a cerca do passado é outro aspecto importante da temática conservadora. Ele é tido como a fonte legitimadora do que é bom e experimentado. A história e a tradição devem, segundo estes pensadores, formatar o presente em busca do futuro idealizado.²⁰

Outro conceito importante da filosofia conservadora é o de autoridade. A autoridade vem junta com a questão da propriedade e liberdade. A autoridade é para eles o fator de equilíbrio de uma sociedade. Sem ela os seres humanos se desorganizariam caindo de volta a barbárie. Para a maioria dos conservadores do século XIX, uma frase sintetiza o problema da falta de autoridade :” ... dois soberanos donos do homem eram o desejo do prazer e a fuga à dor”²¹. A autoridade neste contexto seria o elemento nivelador que inibiria os perigos representados nesta frase. Para eles, se não houver uma força capaz de subjugar tais paixões do homem, eles fariam tudo para garantir vantagens pessoais em detrimento do coletivo e da sociedade. A autoridade é elemento que completa e torna possível a liberdade. A liberdade é entendida como o direito dos indivíduos de se representarem coletivamente, e terem assegurados suas propriedades e direitos estabelecidos pela tradição e costumes da sociedade a qual o individuo pertence²².

¹⁹ NISBET, Robert, p.53.

²⁰ NISBET, Robert, p.52.

²¹ NISBET, Robert, p.78.

²² NISBET, Robert, p.66.

Mas existe para os conservadores um perigo real em volta da autoridade tanto defendida por eles. Ela não pode se transformar em tirania. Para Bonald, outro intelectual conservador, tirania é a violação de uma esfera da sociedade por outro. As três principais esferas sociais reconhecidas pelos conservadores como as mais autênticas, são : a família, a Igreja e o Estado. A desejada autoridade com liberdade para estes filósofos, é a plena harmonia entre as três esferas primordiais, onde cada uma goza dos seus direitos e prerrogativas na sociedade. E quando isso não ocorre, ou seja, quando uma esfera interfere arbitrariamente na outra, então configura-se aí um quadro de tirania²³.

A sociedade, deve buscar a conservação de suas instituições, principalmente as intermediárias que fazem o papel mediador entre o Estado e o indivíduo. Uma forte crítica feita por Burke e seus seguidores é a crescente valorização do indivíduo, e o entendimento que, segundo eles, Rousseau e outros fazem da liberdade. A liberdade estaria sendo tratada apenas do ponto de vista das reivindicações individuais, e não teria como foco a liberdade dentro de uma ordem institucional estabelecida. A centralização do poder em um governo central, ou a pulverização do poder em uma massa de indivíduos ansiosos por atenderem objetivos próprios levaria à sociedade a desagregação. A descentralização do poder nas instituições intermediárias, seria então o único modelo viável para garantir o funcionamento pleno das esferas espirituais, políticas, econômicas e sociais²⁴.

Ainda neste contexto de crítica a liberdade, quero destacar a forma como os conservadores do século XIX viam a democracia. Para eles a distribuição do poder político para os cidadãos não previne a sociedade do uso despótico do poder. Haveria, portanto o perigo permanente de uma tirania da maioria contra a minoria²⁵. Este argumento busca desmobilizar os modelos idealizados pelos democratas, e em contra partida oferecem aos conservadores saídas típicas de época feudal, voltando mais uma vez ao ponto inicial da importância das instituições intermediárias, uma delas a Igreja.

²³NISBET, Robert, p.70

²⁴ NISBET, Robert, p.86

²⁵NISBET, Robert, p,82.

Para concluir a abordagem geral sobre o conservadorismo para depois verificá-lo no cenário pré-integralismo, é necessário falar sobre o aspecto espiritual. A Religião é vista por Burke e Bonald como a única instituição capaz de conferir sentido à sociedade num contexto existencial. Sem este parâmetro maniqueísta que define a moral e valores fundamentais para a questão existencialista e espiritual do homem, a sociedade se perderia em uma liberdade sem limites e uma vivência sem raízes sólidas. O perigo de desagregação afetaria não só o aspecto moral, mas todos os outros já mencionados. A Igreja tem, portanto o papel finalizador de garantir que todos os outros elementos sejam respeitados pela moral e costumes. Exemplificando, na falta de valores que definam o que é certo e o que não é, não seria possível garantir a propriedade individual, muito menos a desejada liberdade limitada. O que, senão a tradição dos sólidos valores que no Ocidente são defendidos majoritariamente pelo cristianismo, garantiria o respeito a propriedade alheia, a família e a liberdade desejada por eles? Nesta linha de raciocínio os conservadores tornaram-se, nos tempos modernos, os maiores defensores das instituições religiosas tradicionais²⁶.

Após expor as linhas principais da filosofia conservadora, tornou-se possível associar seus conceitos com o nosso objeto de estudo, o Integralismo. Foi em meio a uma renovação conservadora que ocorreu no Brasil no início do século XX, que surgiu a corrente liderada por Plínio Salgado. Alguns antecedentes importantes do movimento integral são importantes e devem ser considerados.

Jackson de Figueiredo, um dos fundadores da revista A Ordem em 1921, abriu as portas para um processo de renovação dentro da Igreja Católica no Brasil. A idéia era simples na sua formulação, mas difícil em sua execução. O objetivo de Figueiredo era tornar atuante a grande massa de católicos que aparentemente acompanhavam as mudanças políticas sem manifestarem-se de forma coesa. Com suas publicações, forte apoio do clero nacional, e uma grande aceitação por parte das massas católicas, Jackson Figueiredo incrementa o conservadorismo católico no Brasil, conferindo-lhe uma base de atuação e apelo perante a população. Além de defender interesses da Igreja como o retorno de sua posição de credo oficial,

²⁶ NISBET, Robert, p.121.

Figueiredo sistematiza e organiza o conjunto doutrinário deste seguimento. A base estaria sobre os pilares da ordem e da autoridade. Figueiredo propõe à sociedade unir-se contra as especulações revolucionárias do tenentismo e qualquer outro movimento que busque a mudança contestando a ordem vigente²⁷. Muito de sua obra servirá de base para a Ação Integralista.

Após analisar os elementos conservadores e sua inserção no conjunto de idéias da Ação Integralista, cabe agora refletir sobre a relação entre eles e o fascismo. O intelectual integralista que mais diretamente, e enfaticamente tratou deste paralelo é Miguel Reale. Como faz parte da abordagem deste trabalho a auto-identificação de seus membros com os diferentes campos ideológicos, é fundamental verificarmos o que os formuladores deste movimento destacam a respeito.

Miguel Reale em seu ensaio intitulado “ *O Estado Moderno*”, busca posicionar o Integralismo frente as outras doutrinas. O autor exalta em sua obra as mudanças promovidas pela Primeira Guerra Mundial, pois seria a partir deste momento que surgiriam os governos fascistas e suas novas diretrizes, bem como evidenciaria a necessidade de reformulação do papel do Estado perante a nação. Para Reale, o pós-guerra teria deixado duas opções de Estados Modernos, já que para ele o Estado socialista e por fim comunista, seriam a continuidade, ou seja, a conseqüência natural do Estado Liberal. A outra opção seria o Estado fascista que seria um resgate da soberania estatal.²⁸

Ao defender o fascismo, Miguel Reale destaca que não existe apenas um tipo de fascismo, que como todas as outras correntes possui suas variantes. Na visão do autor existem dois tipos de fascismo, o radical, que seria exemplificado com o tipo adotado na Itália, e um segundo tipo mais moderado que não busca o viés totalitário e sim integralizador. É com este segundo tipo que Reale identifica o Integralismo. A corrente chamada de integral se difere da primeira, segundo o autor, pela maior autonomia do indivíduo perante a estrutura do governo²⁹. É importante lembrar o que

²⁷ BARRETO, Vicente, p.110.

²⁸ TRINDADE, Héglio, p.232.

²⁹ TRINDADE, Héglio, p.233.

os integralistas defendem como maior autonomia do indivíduo, pois suas concepções em muito se diferem do individualismo proposto pelos regimes liberais. Um ponto importante dentro da trama social defendida por eles, são as instituições intermediárias como a família, a Igreja e associações onde o indivíduo goza de direitos que o Estado não deve intervir. “ O todo não deve absorver as partes, mas integrar os valores comuns, respeitando os valores específicos e exclusivos.”³⁰ Neste contexto de diferenciação entre o tipo totalitário e o tipo integral, Miguel Reale aponta também o grau de violência que os regimes fascistas europeus do primeiro tipo se apropriam. Segundo ele, especificamente no caso italiano, este nível de violência acentuado justifica-se pelo passado político italiano e suas experiências³¹.

A moral e os valores de origem espiritual, segundo Reale também constitui um ponto de separação entre o Integralismo e o fascismo totalitário. Na visão do autor, a moral e valores cristãos, tidos como uma tradição ou elemento cultural fundamental das sociedades ocidentais, deve guiar o Estado, e não o contrário como ocorreria nos tipos totalitários, onde quem define a moral a ser seguida é o Estado³². Isto para os filósofos do Integralismo é uma violação perigosa dos direitos sociais, pois pode culminar em uma falta de legitimidade dos valores, e estes podem se perderem e dar origem ao caos.

Mas segundo Miguel Reale, apesar das diferenças, não se pode separar totalmente o Integralismo do fascismo. Em suas obras, Reale defini o fascismo italiano como um modelo a ser seguido e aperfeiçoado. Mussolini havia criado, segundo Miguel Reale, um sistema de governo capaz de lidar com as novas demandas do século XX. Nas suas palavras: “ É necessário um governo forte, um profundo senso de hierarquia e disciplina, porque o equilíbrio não pode restabelecer-se espontaneamente sem unidade de coordenação e direção.”³³ Em sua obra “ *Nós e os fascistas*” Miguel Reale busca ao mesmo tempo destacar as semelhanças mas também os pontos que segundo ele tornariam o Integralismo algo original e brasileiro³⁴. O autor ajusta seu discurso neste ponto com os esforços de Plínio

³⁰ TRINDADE, Hélgio, p.234.

³¹ TRINDADE, Hélgio, p.261.

³² TRINDADE, Hélgio, p.234.

³³ TRINDADE, Hélgio, p.259.

³⁴ TRINDADE, Hélgio, p.259.

Salgado para dar uma roupagem independente para o Integralismo, diferenciando-o, porém sem negar suas relações e afinidades. Ele salienta um aspecto que difere o fascismo da ação integralista, que é fundamental para a própria legitimação deste movimento como algo ligado à realidade e a natureza política. Segundo Reale, o fascismo nasce de uma realidade, e da busca por soluções para resolução de problemas ligados às sociedades que o criaram. Isto conferiria um caráter de algo experimentado, testado, e não apenas conjecturado no plano teórico³⁵. Entretanto, este caráter empírico do fascismo por si só já impõe uma particularidade. Não seria possível copiar o fascismo totalmente, pelo fato deste ter suas especificações ligadas ao contexto italiano. E tendo em vista um dos objetivos integralistas que é relacionar-se com as demandas políticas, culturais e sociais brasileiras, este deve constituir-se por caminhos próprios sendo orquestrado por uma elite intelectual. Inclusive esta liderança exercida por uma elite faz parte declaradamente das pretensões integrais. Na própria definição de Reale para o Estado Integralista, ele ressalta o caráter elitista da direção do governo sem a participação de partidos políticos e voto direto universal³⁶. Uma elite intelectual estaria mais habilitada e capacitada para definir a direção e rumo que o governo deveria tomar para cumprir seus objetivos perante a sociedade, que sem esta direção não teria a clareza necessária para definir o que traria maior bem para o conjunto social.

A visão de Miguel Reale sobre a relação fascismo e integralismo é bem direta e clara no sentido de aproximar as duas ideologias. Mas o que os outros teóricos do integralismo dizem a respeito não se identifica exatamente com a posição defendida por Reale. Plínio Salgado, por exemplo, luta para dar dimensões próprias ao integralismo fazendo, portanto pouca referência aos tipos de governos europeus. Plínio justifica inclusive o potencial revolucionário do integralismo justamente por ser, segundo ele, uma doutrina original e única. Isto fica claro no *Manifesto de Outubro de 1932*, onde Plínio, entre outras coisas, combate o cosmopolitismo e declara o caráter nacional e original da Ação Integralista³⁷.

³⁵ TRINDADE, Héglio, p.260.

³⁶ TRINDADE, Héglio, p.234.

³⁷ MARTINS, Francisco de Souza, p74.

Gustavo Barroso também parte em defesa do fascismo e o considera um movimento irmão ideologicamente do integralismo. Barroso vê com esperança a expansão fascista pelo mundo e exalta sua capacidade de levar a humanidade a um patamar mais alto de evolução. Neste contexto, Barroso declara ser o integralismo uma versão melhorada do fascismo, pois acrescenta um forte viés espiritual que relaciona com mais clareza o corpo doutrinário com as necessidades políticas e morais do homem³⁸. O elemento fascista acrescentado por Gustavo Barroso que difere de todos os outros teóricos é o elemento anti-semita. Como já foi dito, o Chefe Nacional da Milícia considera o liberalismo, o comunismo e a ação dos judeus como movimentos igualmente nocivos aos interesses desenvolvimentistas nacionais. Barroso assume uma postura radical contra qualquer tipo de internacionalismo na formulação da ideologia de Estado e na cultura nacional³⁹. Mas até a crítica mais contundente de Barroso não deixa de abrir as portas para seu entusiasmo com o regime de Mussolini, aceitando sua influencia e até mesmo colocando o Integralismo como uma corrente de inspiração fascista.

3 CONCLUSÃO

Tendo em vista a análise feita sobre as diferentes correntes da doutrina integralista, o contexto histórico da época, o estudo das principais vertentes de direita que o integralismo se aproxima, e o conceito de culturas políticas, pode-se estabelecer uma conclusão sobre a posição do movimento de Plínio Salgado no cenário político.

O conservadorismo cristão está presente na obra do fundador da A.I.B., Plínio Salgado, de forma intensa, e se estende de forma hora mais presente, hora menos nos outros ideólogos do movimento. Contudo, nenhum deles foge em algum grau das concepções conservadoras ligadas a renovação católica que se estendia pelo país principalmente depois do legado de Jackson de Figueiredo. O integralismo está vinculado, vale lembrar, ao conservadorismo cristão próprio das primeiras décadas

³⁸ TRINDADE, Hélgio, p.263.

³⁹ MARTINS, Francisco de Souza, p.65.

do século XX, que não busca mais a restauração monárquica, e sim já plenamente ligado ao republicanismo inerente ao contexto do país.

Define-se assim a primeira parte que compõe o corpo doutrinário do Integralismo. Sua primeira definição dentro do conceito de culturas políticas está, portanto relacionado ao conservadorismo cristão. Entretanto, não basta esta relação para concluir o tema, pois a interação com o fascismo, como foi demonstrado, é evidente, nos aspectos que dizem respeito ao nacionalismo, base corporativa dos meios de representação, modo de organização política, auto-identificação de seus membros com o fascismo entre outros pontos ideológicos já destacados. Entra aí o segundo componente da definição conceitual sobre a A.I.B.. Pode-se concluir que as teses de autores que por um lado definem o integralismo como herdeiro do conservadorismo cristão, soma-se ao invés de excluir a posição de outras correntes de estudos que o definem como uma vertente fascista. A única possibilidade que fica claro não definir verdadeiramente o movimento integral, é a tese do próprio criador da A.I.B., Plínio Salgado, de que seria um movimento original sem estrangeirismos.

Portanto, conclui-se neste presente trabalho, tratar-se o movimento integralista brasileiro do início do século XX uma corrente da cultura política conservadora cristã de forte cunho fascista devido à multiplicidade de influências dos seus teóricos que buscam nestas duas fontes a inspiração para a elaboração dos seus projetos políticos e ideológicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de; et al. **Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós-1930**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: FGV Ed.: CPDOC, 2001. p.2807-2814.

BARRETO, Vicente; PAIM, Antonio. **Liberalismo, Autoritarismo e Conservadorismo na República Velha**. In: Curso de introdução ao pensamento político brasileiro. Brasília, DF: Ed. Univ. de Brasília, c1982. 7 v. Unidade IX e X, p. 61-109.

BERSTEIN, Serge. A cultura política IN : RIOUX & SERINELLI (org.) **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998, p. 349 – 363.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Editora da UNESP 1995. p.96-129.

GOMES, Angela Maria de Castro; et al. **História geral da civilização brasileira: Tomo 3 - o Brasil republicano**. v. 3. Sociedade e Política (1930-1964). Rio de Janeiro: Difel, 1981. 604p.

MARTINS, Francisco de Souza. **O Integralismo**. In: Curso de introdução ao pensamento político brasileiro. Brasília, DF: Ed. Univ. de Brasília, c1982. 7 v. Unidade V e VI, p. 103-117.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **A história política e o conceito de cultura política**. Belo Horizonte: Editora da UFMG 1996. p.83-91.

NISBET, Robert. **O Conservadorismo**; tradutor: M. F. Gonçalves de Azevedo. Lisboa, Editorial Estampa, 1987. 193p.

ROMANO, Roberto. **Conservadorismo romântico: origem do totalitarismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981. 167p.

SALGADO, Plínio. **O que é integralismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Star, 1933. 106p.

SERRA NEGRA, Carlos Alberto; SERRA NEGRA, Elizabete Marinho. **Manual de Trabalhos Monográficos de Graduação, Especialização, Mestrado e Doutorado**. 3. ed. atual. São Paulo: Atlas, 2007.

TRINDADE, Hégio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo: Difel, 1974. 388p.